

Biblioteca RTP
Clássicos em Banda Desenhada

As Viagens de Gulliver

Jonathan Swift

leon



Biblioteca RTP
Clássicos em Banda Desenhada

As Viagens de Gulliver

Jonathan Swift



Biblioteca RTP
Clássicos em Banda Desenhada

Biblioteca RTP
Clássicos em Banda Desenhada

As Viagens de Gulliver

Jonathan Swift

Tradução de Ana Diniz

Copyright © 1974, 1986 by Pendulum Press, Inc. (United States of America)

Todos os direitos reservados para a publicação desta obra em Portugal pela
EDITORIAL PUBLICA, LDA.

Av. Poeta Mistral, 6-B — 1000 Lisboa

Capa: José Antunes

Revisão gráfica: António Marques Francisco

Composto por Texttype — Artes Gráficas, Lda.

Impresso por Printer Portuguesa, Indústria Gráfica, Lda.

Edição n.º 521

Acabado de imprimir em Maio de 1986

Depósito Legal n.º 11 252/86



O Autor

Jonathan Swift, escritor satírico britânico, nasceu em Dublin, na Irlanda, em 1667, alguns meses após a morte de seu pai.

Foi criado pelo tio, que iniciou a sua educação na Kilkenny School e a completou no Trinity College em Dublin.

O primeiro emprego de Swift foi como secretário de Sir William Temple, com quem trabalhou até à sua morte, em 1699. Durante estes anos, Swift escreveu muito, mas queimou quase tudo. Depois da morte de Temple, Swift tornou-se clérigo da Igreja de Inglaterra, numa pequena paróquia da Irlanda. Pouco tempo depois, começou a escrever sátiras, a que se seguiram cartas e ensaios.

Em 1726, publicou «As Viagens de Gulliver», romance que combina a sátira com a aventura. A popularidade de «As Viagens de Gulliver» resulta do elemento aventura, que atrai leitores de todas as idades.

Jonathan Swift

As Viagens de Gulliver

Adaptação
JOHN NORWOOD FAGO

Ilustração
E. R. CRUZ

Produção
VINCENT FAGO



Imperador
de Liliput



Capitão Gulliver



Sra. Gulliver



Rei de Laputa



Rei de Brobdingnag

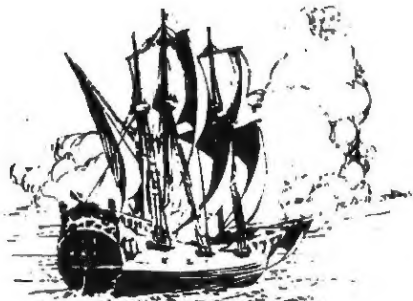
Quem viaja por países distantes tem facilidade em contar histórias acerca das suas aventuras.

Mas, com esta narrativa, eu pretendo ensinar, e não só divertir.

Estes são os factos da minha experiência, e conto-os porque creio que o principal objectivo de um viajante deve ser tornar os homens melhores e mais sábios.



Quando era rapaz, estudei medicina, sem esquecer também navegação e matemática, úteis a quem pretende viajar, como sempre acreditei que viria a fazer.



Em 1699, numa altura em que quase não ganhava dinheiro como médico, e a minha família vivia mal, empreguei-me a bordo do navio Antelope.



Navegávamos com rumo às Índias Orientais, quando a viagem terminou de súbito. Tínhamos batido numa rocha.



Temendo que os outros tivessem morrido, nadei no sentido da corrente, até que...



...alcancei uma terra desconhecida, onde adormeci exausto.

Acordei surpreendido, não conseguindo mexer-me.



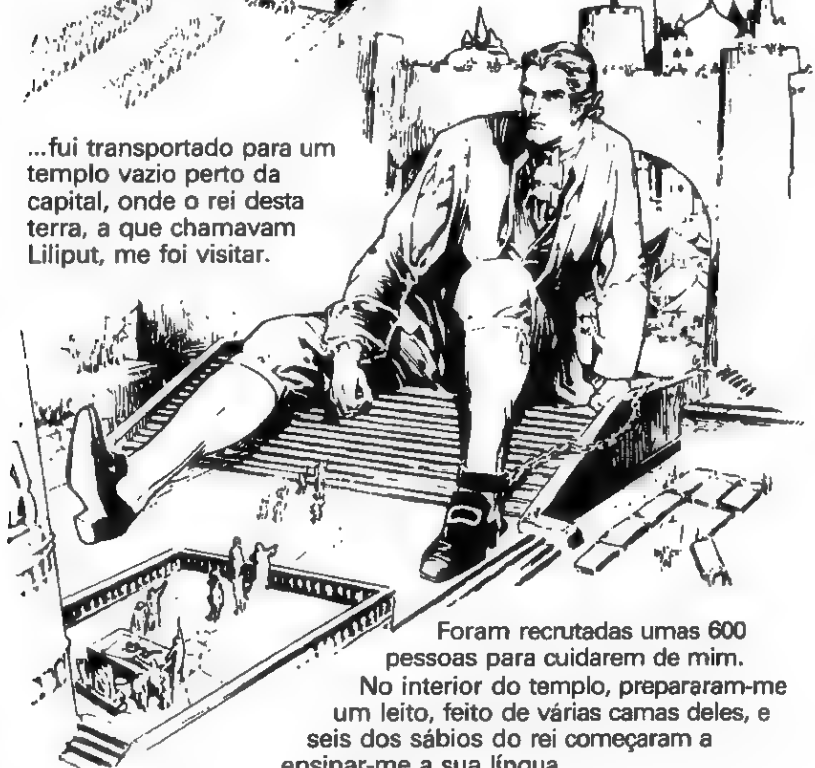
Não sabia o que estava a acontecer.
Em breve o descobri, e outras surpresas se seguiram...



Tinham-me misturado no
vinho uma droga para me
adormecer, e nas horas que
se seguiram...



...fui transportado para um
templo vazio perto da
capital, onde o rei desta
terra, a que chamavam
Liliput, me foi visitar.



Foram recrutadas umas 600
pessoas para cuidarem de mim.
No interior do templo, prepararam-me
um leito, feito de várias camas deles, e
seis dos sábios do rei começaram a
ensinar-me a sua língua.

Quando já me conheciam melhor,
deixavam-me distraí-los.



Finalmente, um dia,
afirmei que seria leal
ao governo liliputiano,
e fui libertado.

Permitiram-me então que
visitasse a capital, Mildendo.



Todos os habitantes tinham
sido avisados para não
andarem nas ruas.

Nunca tinha visto
tanta beleza.



E assim fui aprendendo
alguma coisa sobre
aquele povo.

Uma estranha
divergência dividia
o povo de Liliput...



...a melhor maneira de
partir ovos.

A maneira oficial era pelo
extremo, mais pequeno.
Muitos 'grandes-extremistas',
ou seja, os que partiam os
ovos pelo extremo maior,
tinham fugido para a ilha
vizinha de Blefuscu, onde
foram bem acolhidos pelo
rei local.

Na verdade, a marinha de Blefuscu estava justamente a preparar-se para atacar Liliput.



Avistando-me, os inimigos atiraram-se à água e nadaram para terra.



O meu regresso a Liliput foi calorosamente saudado mas, sem o saber, eu provocara a inveja do chefe da marinha liliputiana.

Pouco tempo depois, os dirigentes de Blefuscu vieram assinar um tratado de paz favorável a Liliput.

Jantámos juntos, e fui convidado a visitar a ilha deles.

Pedi autorização para ir, sem saber no que ia meter-me. Algumas noites depois, recebi a visita inesperada de um amigo.

A inveja do chefe da marinha, pela minha vitória, e a mesquinhez do tesoureiro em relação aos custos da minha alimentação, levaram-os a conceber um plano para me prejudicar.

Muito chocado, tomei conhecimento de que tinha sido julgado e condenado por traição, e que seria castigado, daí a três dias.



Com tristeza, compreendi que tinha de partir.

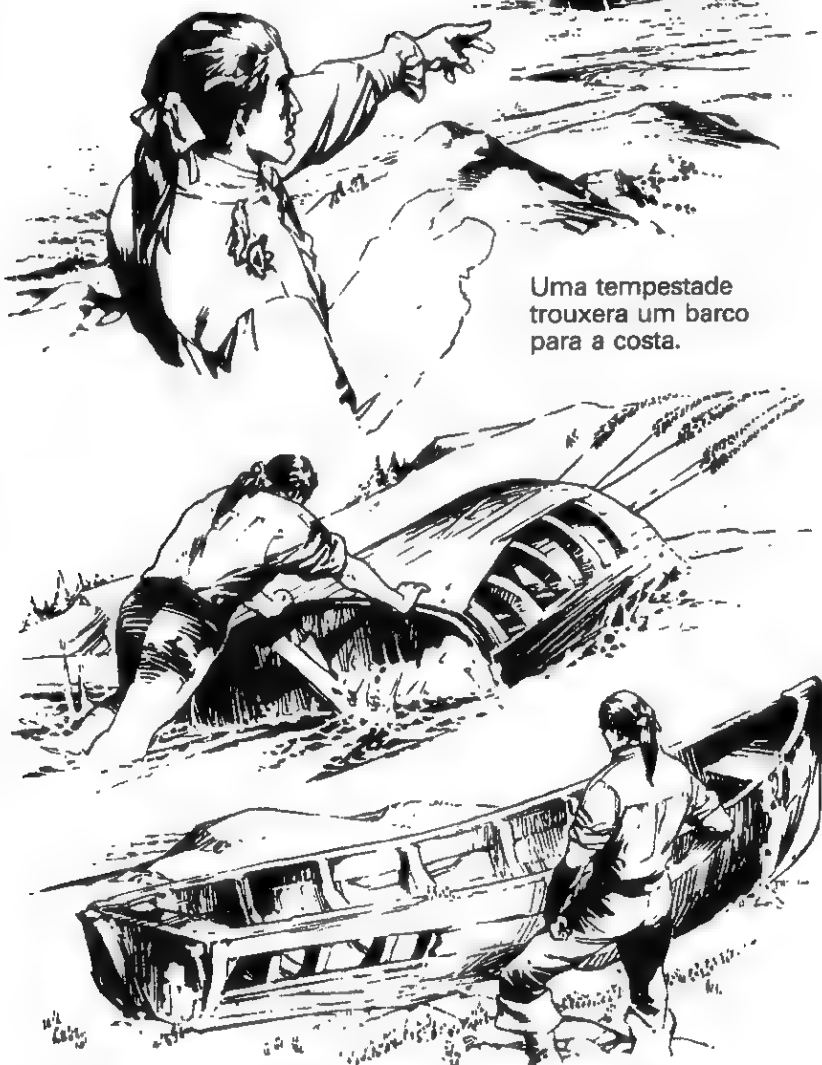


...onde fui de novo bem recebido.



E assim, voltei a fazer a travessia para Blefuscu...

Três dias depois,
fiz uma feliz descoberta.



Uma tempestade
trouxera um barco
para a costa.

Com a autorização e a colaboração do rei, iniciou-se o difícil
trabalho de recuperação.

Trabalhámos em conjunto todos os dias,
durante um mês...



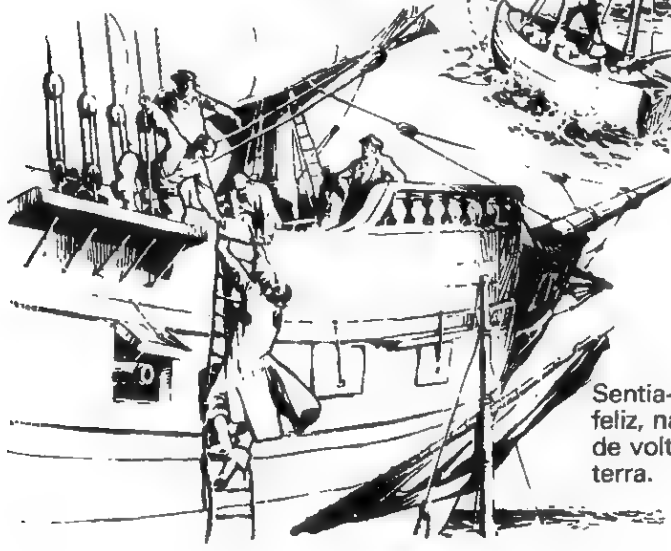
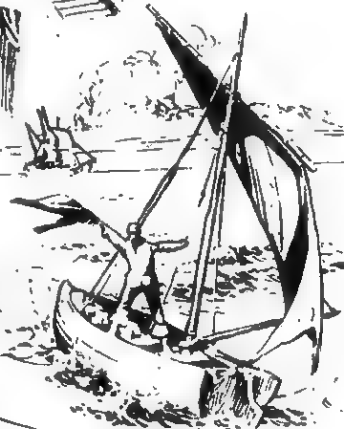
Até que, finalmente, só faltava
arranjar mantimentos para a viagem.





Por fim, mandei chamar os
homens de Sua Majestade,
agradei-lhes, e fiz-me
ao mar.

Vogando ao sabor do vento,
ao fim de dois dias,
avistei um navio.



Sentia-me muito
feliz, na esperança
de voltar à minha
terra.

O comandante tratou-me bem,
e quis ouvir a minha história.
Embora no início me julgasse
doido, apresentei-lhe provas
que o convenceram.



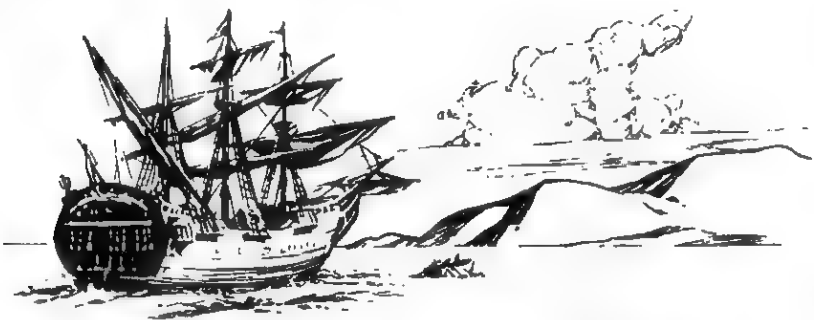
Assim, regressei para junto dos
meus, e deixei-me ficar por lá,
ganhando dinheiro a contar
as minhas aventuras em Liliput.



Mas o gosto pela aventura levou-me
outra vez ao mar, agora a bordo do
Aventureiro, com rumo ao Cabo da
Boa Esperança.



Durante um ano correu tudo bem.
Depois, uma tempestade desviou-nos da rota, e arrastou-nos
para uma terra desconhecida.



Juntei-me a um grupo que ia
a terra buscar água, mas subi
a uns rochedos para ter
uma visão maior.



De súbito, vi um dos
homens a fugir e uma
enorme criatura que o
observava na praia.
Corri também
procurando protecção.

Porém, encontrei-me rodeado de erva com 6 metros de altura.



Quando cheguei ao extremo do campo, ouvi uma espécie de trovão.
Ao virar-me...



Compreendi que era tão pequeno, nesta terra, como um liliputiano seria na minha. As coisas só são grandes ou pequenas quando comparadas com outras.

Depois de me observar durante algum tempo, o camponês pegou-me como se eu fosse um animalzinho perigoso.



Falei, e a minha voz pareceu agradar-lhe.
Meteu-me no bolso,
e levou-me para casa.



Neste ponto, parecia que as minhas viagens iam terminar. Mas fui salvo, e entregue aos cuidados da filha dele, que tinha 9 anos.

Pouco tempo depois, já me
tinha feito sete camisas...



...e insistia em dar-me
banho muitas vezes.
Ensinou-me a língua deles
dizendo o nome das coisas
que eu apontava.



Tornei-me o tema das
conversas na povoação,
e um dia fui visitado por
um velho lavrador que
era um sovina.
Os olhos dele pareciam
luas, o que me dava
vontade de rir.



Deu alguns conselhos
ao meu dono...



Quando chegou o dia de mercado, meteram-me numa caixa e levaram-me à cidade.



Alugaram um quarto, e mandaram um homem espalhar a notícia de que existia uma estranha criatura — eu — que podia ser vista no Sinal da Água Verde.



Nesse dia, fui exibido para doze grupos de pessoas. Fiz truques e discursos para os divertir. O camponês ganhou tanto dinheiro, que decidiu exibir-me de cidade em cidade.

Nas semanas que se seguiram, percorri este país: Brobdingnag. Mas as cavalgadas diárias, mesmo nas mãos carinhosas da garota, deixavam-me muito abatido.



Onde parássemos, logo se juntavam multidões para me ver. Trabalhava quase todo o dia, mas quanto mais dinheiro o meu dono ganhava, mais queria. Finalmente, já muito enfraquecido, comecei a recluir pela minha vida.

Um dia, chegou um mensageiro, chamando-nos a Lorbrulgrud, Orgulho do Universo, a capital do reino, para a rainha nos conhecer.



Quando a bondosa rainha
viu o risco que eu corria
e me convidou a viver na corte,
não escondi a minha alegria.



O camponês já devia ter notado
o meu enfraquecimento,
pois vendeu-me de bom grado,
e deixou a filha comigo,
como amiga e professora.

Iniciámos uma nova vida,
ao serviço de Sua Majestade.





A rainha mostrou-me ao rei, que ficou surpreso com o meu tamanho e a minha fala.



Sua Majestade chamou três sábios, que me observaram atentamente, mas só chegaram a acordo sobre uma coisa: eu não podia ser obra da Natureza.



Quando disse ao rei que no meu país havia milhões de pessoas do meu tamanho, os sábios, tentando esconder a sua ignorância, riram e disseram que aquilo devia ser história que me tinham ensinado.

Mas o rei tinha mais sabedoria.

Acreditando que podia ser verdade, ordenou que me dessem aposentos bonitos e cuidados especiais.

O carpinteiro da rainha fez-me uma linda caixa que me servia de quarto de dormir, e para viajar.



A mobília estava pregada ao chão, e as paredes eram acolchoadas, para evitar que me magoasse, ao ser transportado.



A rainha habituou-se tanto à minha companhia, que não comia sem mim.

Embora dissessem que ela comia pouco, engolia, só numa colherada, tanto como os lavradores ingleses numa refeição, e mordiscava um pedaço de carne do tamanho de 12 perús adultos. Durante muito tempo, dava-me vômitos vê-la comer.

Às vezes, fazia companhia ao rei, que gostava de conversar comigo sobre os usos, a religião e os governos da Europa.





Uma noite,
entusiasmei-me muito
ao falar sobre um
acontecimento
qualquer.

Também eu já ria,
quando pensava no que
era agora.

O rei riu e disse que as
pessoas eram bem
estúpidas por se julgarem
muito espertas, quando
até uma coisa pequena
como eu sentia o mesmo
que eles.



E teria vivido feliz nesta terra, se a minha pequenez
não tivesse criado certos problemas.

Por exemplo, uma vez quando
brinquei com o anão da Rainha
por causa do tamanho dele...



...e ele me atirou para dentro de uma taça de prata com natas.
Depois de engolir um quarto do conteúdo,
quase me afoguei, e tive de ficar de cama.

Outra vez, os pássaros
roubaram-me o
pequeno-almoço.



E um dia no jardim, mal
tive tempo de me refugiar,
quando calu uma saraivada.

Este povo, tal como os chineses, já praticava há muito tempo a arte da impressão.



Descobri que naquele país nenhuma lei podia ter mais palavras do que as letras do alfabeto, e tinha de estar claramente escrita, para todos compreenderem. Aliás, poucas leis atingiam sequer esse tamanho.



Eu tentava demonstrar ao rei a grandeza dos nossos tribunais e governos.

Mas ele pensava que quem fizesse medrar duas espigas de trigo, ou duas folhas de erva onde antes só havia uma, tinha mais valor e glória para o seu país e a humanidade, do que toda a classe dos políticos.

Eu esperava sempre poder regressar um dia, embora o meu navio tivesse sido o primeiro a chegar àquela costa.

Passados dois anos, uma viagem dos reis ao Sul levou-me ao único local donde poderia fugir.



Ansiava por ver o mar, e assim, no final da viagem, embora a minha amiga estivesse doente, e não pudesse cuidar de mim, pedi que me levassem à praia.



O criado que me levou poisou a minha caixa e foi para os rochedos procurar ovos de pássaros. Cansado da viagem, deitei-me na cama.

De repente, acordei com um puxão e barulho de asas, e senti-me elevado no ar a grande velocidade.



A caixa baloiçou durante algum tempo, como um letreiro em dia de vento. Depois, de repente, começou a cair...



Com um tremendo impacto, a caixa caiu na água e, graças a Deus, ficou a flutuar.

Assim estive durante horas, receando a todo o momento pelo meu fim, até que, finalmente...



Primeiro, pensei que tinha sido recolhido por pigmeus*. Quando comecei a falar, o comandante pediu-me que não gritasse.



Lembrando-me do que se passara antes, comecei por lhe mostrar algumas provas antes de contar a minha história.

* termo utilizado para designar pessoas muito pequenas

Acreditando em mim, o comandante deu-me as boas-vindas. Eu estava encantado com tudo, e ria da minha recente pequenez como uma pessoa ri dos seus erros.



Quando cheguei a casa, a minha filha ajoelhou para eu lhe dar a benção.

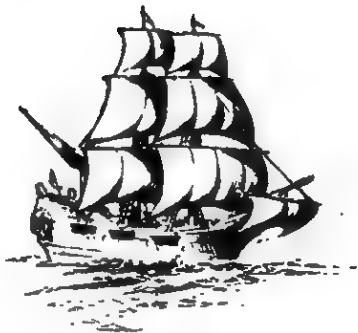
Mas eu estava tão habituado a olhar para cima, que só reparei nela quando se levantou.



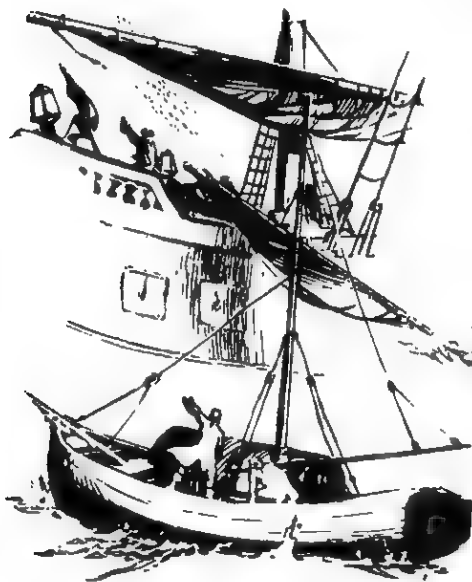
E quando derrubei a minha mulher ao tentar agarrá-la com uma mão, ela jurou que eu não voltaria para o mar. Mas em breve eu viveria novas aventuras.



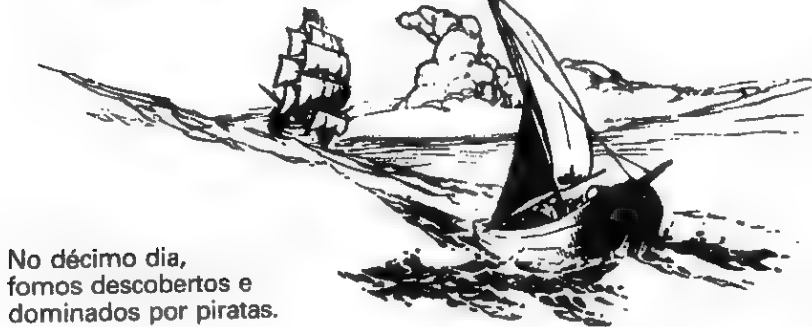
Informado do meu regresso, o comandante do Hopewell não tardou a ir visitar-me. O meu desejo de correr mundo continuava muito forte, e quando ele me ofereceu um bom lugar na sua próxima viagem, não pude recusar.



Nas Índias Orientais, o carregamento não estava pronto para embarcar. O comandante arranjou um barco pequeno para a travessia entre as ilhas, e fez-me capitão dele.



Passados três dias, houve uma grande tempestade, que nos arrastou à toa.



No décimo dia, fomos descobertos e dominados por piratas.

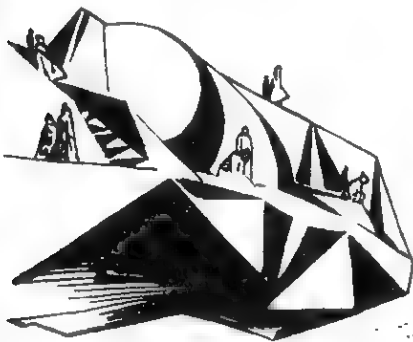
Fui abandonado,
com pouca comida,
e só com ilhas desertas
no horizonte.



Percorri as ilhas até à última,
e maior.
Caminhei pelos rochedos,
sem saber o que fazer.
O céu estava limpo,
e o Sol escaldante.
Mas, de repente, fui coberto
por uma sombra que mais parecia
de uma montanha do que
de uma nuvem.



Vi pessoas andando de um
lado para o outro, mas não
percebi o que faziam.



Na esperança de ser salvo, comecei a fazer sinais com os braços,
e passado algum tempo aquela estranha nave aproximou-se da praia.



Uma voz gritou-me, numa língua que eu não compreendi, e baixaram um assento para mim.



Fui saudado por um estranho grupo de pessoas. Algumas estavam tão absorvidas em pensamento, que tinham de ter sempre consigo um criado, para lhes dizer onde estavam, e quando deviam escutar ou falar.



E na verdade, enquanto me conduziam ao cimo da ilha, muitas vezes se esqueciam de mim, e deixavam-me só.

Sua Majestade não reparou em nós quando entrámos — estava ocupado a pensar em qualquer assunto.



Finalmente olhou para nós, como se acabasse de acordar, e disse algumas palavras a um criado, que me conduziu a uns belos aposentos, com uma boa ceia e uma agradável companhia.



Os meus conhecimentos de matemática foram-me muito úteis, pois a língua deles era constituída por símbolos matemáticos.

Na manhã seguinte, tiraram-me as medidas para um fato muito estranho.

O fato era muito irregular, e não me assentava bem, mas eu não disse nada, e ninguém pareceu reparar nisso.

Na verdade, não havia um único ângulo recto nos meus aposentos, nem em nenhum outro sítio em Laputa, porque eles não gostavam.



Um dia, acordei com o som da música que tocava sempre que a nave se deslocava.

Para os meus ouvidos era muito estranha, mas todos tocavam algum instrumento.

Neste momento, os cientistas
estavam a mudar a nossa rota para
Leste, na direcção de Legado,
a capital do reino.



Aqui, o rei autorizou-me a
voltar para terra,
e visitar a casa
de Lord Munodi.
A pobreza que vi pelo
caminho chocou-me.

Embora visse muita gente, não via fazer nada.
Por fim, cheguei às terras de Lord Munodi, que eram ricas
e muito bonitas.



Suspirando, ele contou-me que muitas pessoas queriam que ele destruísse tudo aquilo e reconstruísse depois à semelhança do resto do país, sob a direcção da Academia dos Arquitectos.

Quarenta anos antes, um grupo de pessoas da nave visitara Laputa, e chegara à conclusão de que não gostava.

Assim, fundaram a Academia, para dirigirem a reconstrução de Laputa.



A questão interessou-me, e visitei a Academia, que consistia num conjunto de casas dispostas dos dois lados de uma rua.

Aí, centenas de cientistas dedicavam-se a ter ideias que todo o país devia seguir.



Retirar luz solar
dos pepinos, para ser
usada em dias enevoados;
ensinar aranhas a tecer roupa;
construir casas
começando pelo telhado;
e ensinar porcos a
fazer jardinagem.

No entanto, nenhuma dessas ideias fora bem desenvolvida e, entretanto, as casas ruíam, os campos ficavam estéreis, e as pessoas não tinham que comer nem que vestir. Decidi tentar regressar a Inglaterra.

Aluguei uma mula,
e fui até à costa.



Descobri que só haveria
navio para Inglaterra daí
a um mês, e algumas
pessoas
aconselharam-me a
visitar Glubbudbrib,
a ilha dos Mágicos.



O governador desta ilha tinha o poder
de chamar os mortos para o servirem
durante 24 horas, e assim
todo o trabalho era feito
por espíritos.



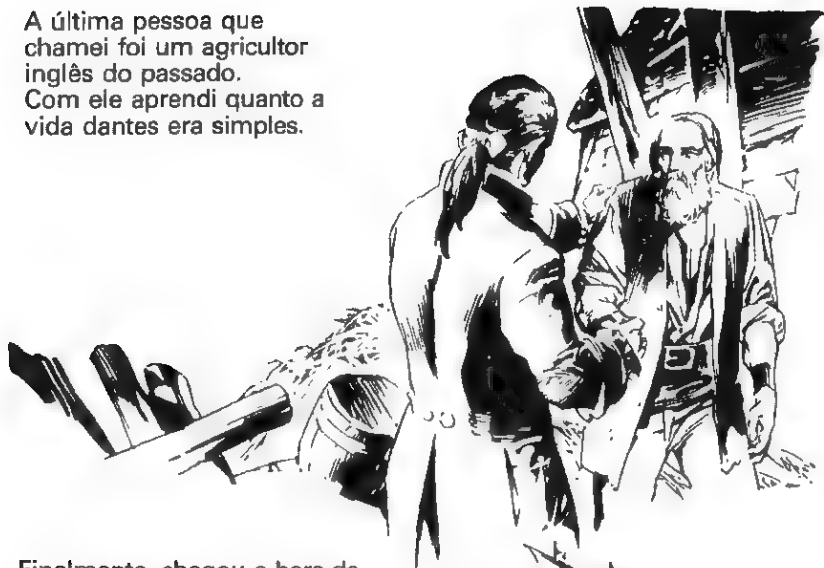
Mas, com um simples gesto, todos eles
se sumiam no ar.
O governador deu-me as boas-vindas,
e garantiu-me que estaria em segurança.

Quando me habituei àqueles rápidos aparecimentos e desaparecimentos, o governador disse-me que chamasse quem eu quisesse, de todos os mortos, desde sempre.



Aprendi muito.
Descobri as verdadeiras causas de muitos dos
grandes acontecimentos que surpreenderam o mundo.
E descobri também que os livros de História muitas vezes
estão errados.

A última pessoa que
chamei foi um agricultor
inglês do passado.
Com ele aprendi quanto a
vida dantes era simples.



Finalmente, chegou a hora de
partir.

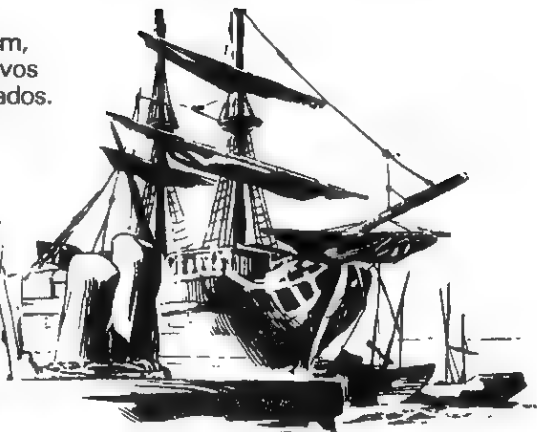
Durante a viagem, visitei outra ilha,
fui ao Japão, e, alguns meses
depois, cheguei a Inglaterra.



Passei 5 meses muito
felizes em casa, mas
depois aceitei o lugar de
comandante do
Adventurer.

Se ao menos eu tivesse
aprendido a deixar-me
estar quando estava
bem!

Perdi muitos homens
durante a difícil viagem,
e tive de contratar novos
marinheiros em Barbados.



Estes novos elementos
amotinaram-se, dominaram
o navio...



...e abandonaram-me na
primeira terra que avistaram,
e que desconheciam tanto
como eu.

Avancei para o interior.
Os campos estavam divididos
por longas filas de árvores,
que cresciam espontaneamente.



De súbito, deparei com o ser mais feio que jamais encontrara.



O monstro olhou para mim, surpreendido, mas, quando se aproximou, bati-lhe com o lado liso da espada. Deu um urro tão forte, que logo a seguir surgiu um grupo de companheiros.



De repente, pareceram ficar assustados e fugiram. Olhando em volta, vi um cavalo no campo.

Quando ia fazer-lhe uma festa, reconhecido, ele levantou a pata direita, gentilmente mas com firmeza, para me afastar, e relinhou tão alto, que me pareceu estar a chamar por alguém.



Pouco depois apareceu outro cavalo e puseram-se os dois a observar-me, trocando relinchos como se discutissem um assunto grave. Isto surpreendeu-me. Pensei que, se os animais desta terra eram assim, então as pessoas deviam ser as mais sábias do mundo.



Afastei-me dos cavalos enquanto conversavam, mas um deles dirigiu-me um relincho tão forte, que voltei logo atrás, para ver o que ele queria.

Conduziu-me a um edifício comprido, onde relinchou várias vezes, e foi respondido.



Outro cavalo aproximou-se e observou-me. Começou a falar, dizendo várias vezes a palavra Ya-hu. Quando eu repeti a palavra, eles ficaram surpreendidos, e voltaram a dizê-la, como para me ensinar.



Levaram-me junto de uma jaula, nas traseiras do edifício, onde estavam algumas das horríveis criaturas que eu tinha encontrado.

Verifiquei, com espanto e horror, que o seu corpo se assemelhava ao do homem.



Mas o cavalo parecia confuso com as minhas roupas, porque eles não as tinham.



Ofereceram-me uma raiz para eu comer, mas recusei o mais delicadamente que pude.



Apontei para uma vaca, e indiquei que gostaria de a mungir.



Então ofereceram-me um pedaço de carne, da jaula dos Ya-hus, mas cheirava tão mal, que eu virei a cara. Atiraram-na para a jaula, e foi logo comida.



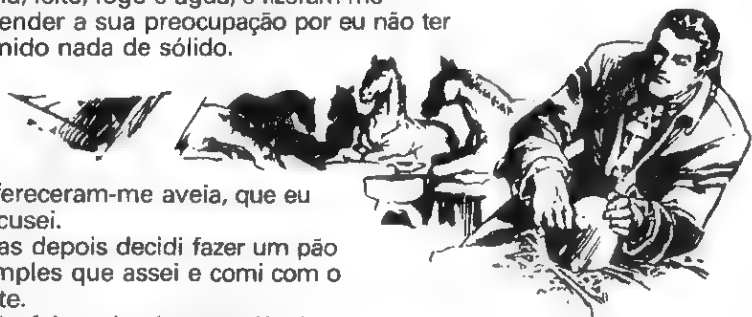
Pareceram compreender, pois levaram-me para dentro e mandaram um criado à copa. Ele trouxe uma grande tigela de leite, que eu bebi. Senti-me logo melhor.



Nesse momento, chegou
uma visita para jantar.



Foi tratada com
grande respeito.
Mostrou-se
interessada em mim
e satisfeita com o meu comportamento.
Durante a refeição, ensinaram-me a dizer
aveia, leite, fogo e água, e fizeram-me
entender a sua preocupação por eu não ter
comido nada de sólido.



Ofereceram-me aveia, que eu
recusei.
Mas depois decidi fazer um pão
simples que assei e comi com o
leite.
Não foi a primeira experiência
destas que fiz, verificando como se
pode comer de forma simples.



E enquanto estive
nesta ilha,
nunca adoeci.

A minha principal ocupação era aprender a língua deles, que o meu amo e a família me ensinavam com prazer.



Deram-me um quarto afastado da casa, mas separado dos Ya-hus, os horrendos homens-animais.



O meu amo estava muito interessado em ouvir a minha história. Quando pude, finalmente, contar-lhe como chegara àquela terra, ele disse que eu devia ter-me enganado, pois dissera 'uma coisa que não era'.

Ele não acreditava que os Ya-hus pudessem fazer alguma coisa em conjunto, como navegar nos mares.

Na verdade, a língua deles não tem palavras para designar poder, governo ou castigo.
A possibilidade de alguém querer uma coisa que não lhe pertence não existe na terra deles.



Que países inteiros se guerreassem era também inconcebível para eles.

Pagar a alguém para dizer uma mentira era a maior estupidez.
Se a fala existe para nos compreendermos, dizer 'uma coisa que não é', ou mentir, torna a linguagem inútil.

E finalmente, para grande choque do meu amo, expliquei o papel dos cavalos na Europa.



Talvez o leitor estranhe que eu lhes tenha contado os nossos costumes.

Só posso dizer que a bondade dos meus anfitriões fizera-me olhar para as acções dos homens de outra maneira.

Ao fim de um ano, decidi não regressar à minha terra, e ficar a observar os Ya-hus, na esperança de melhor compreender a natureza humana...



...e observar e aprender os hábitos dos cavalos, para me aperfeiçoar.

Os Ya-hus parecem animais inofensivos, mas têm um estranho amor por umas pedras brilhantes que existem nos campos.



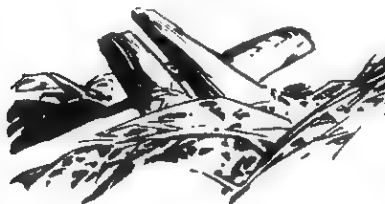
Escavam a terra com as mãos nuas, dias a fio... e depois vão esconder as pedras...

...sempre com o cuidado de não deixar que outros descubram o seu tesouro.

Por vezes um Ya-hu, embora jovem e forte, vai pôr-se num canto a chorar e a lamentar-se, recusando companhia.



A única maneira de resolver isto é pô-lo a trabalhar duramente, e ele acaba por recompor-se.





A palavra 'Houyhnhnms' significa na língua deles 'cavalo', e também, com justiça, 'pessoa perfeita'.



A amizade e a gentileza estão sempre presentes entre eles. Um desconhecido vindo do lugar mais distante é tratado como um vizinho próximo, e é bem recebido em todo o lado.



E reparei que o meu amo demonstrava tanto amor pelos filhos dos vizinhos como pelos dele.

Deste modo, iniciei uma vida feliz, sem ninguém a vigiar as minhas palavras e acções.

Dava-me mais satisfação
ouvir falar o meu amo do
que o maior e mais sábio
homem da Europa.



Gostava de passar as tardes a ouvi-lo conversar
com os amigos.
Eles acham que, num grupo de pessoas, um curto
silêncio melhora a conversa — e eu verifiquei que
é verdade.



A princípio não senti a natural admiração que os Ya-hus
e os outros animais têm pelos cavalos.
Mas depressa comecei também a admirá-los, com amor e gratidão
por eles me distinguirem do resto da minha espécie.

Poucos acontecimentos se dão entre um povo tão bem unido e governado pela razão e o amor.

Mas, de 4 em 4 anos, no primeiro dia da Primavera, havia uma reunião dos cavalos de todo o país.



Aí se discutia a situação de todas as províncias do país.
Se alguém precisava de alguma coisa, recebi-a de quem tivesse a mais.

Uma manhã, o meu amo disse-me com tristeza que havia quem achasse pouco natural que eu vivesse com ele, e que eu devia voltar à minha terra.

Com grande desgosto, preparei-me para partir...



...e despedi-me deles.

Quando um navio quis recolher-me, pedi que me deixassem ali, pois eu era apenas um Ya-hu em busca de um lugar onde passar o resto dos meus tristes dias.

Mas o comandante insistiu em que eu voltasse para junto da minha família.

Quando finalmente entrei em casa, a minha mulher abraçou-me e beijou-me.

Desmaiei, porque não estava habituado a ser tocado por um Ya-hu.



Aqui me despeço do leitor e regresso à minha vida simples, só com os meus pensamentos, praticando as excelentes virtudes que aprendi com os Houyhnhnms. Tentarei educar os Ya-hus da minha família, e talvez um dia consiga suportar de novo a presença dos humanos.

Tenho, pelo menos, a amizade de dois cavalos com quem falo todos os dias, durante horas, e eles compreendem-me perfeitamente.



Capitão Gulliver

FIM

PERGUNTAS

1. Como é que Gulliver ganhava a vida antes da sua primeira viagem?
2. Como eram as pessoas de Liliput?
3. O que foi que quase causou uma guerra entre os liliputianos?
4. Como fugiu Gulliver de Brobdingnag?
5. Aponta alguns aspectos invulgares dos habitantes de Laputa.
6. Que era um Ya-hu?
7. Que é que Gulliver comia na terra dos Houyhnhnms?
8. Porque é que Gulliver desmaiou quando a mulher lhe tocou?

PALAVRAS A APRENDER

divergência
ganancioso

medrar
amotinar

inconcebível
anfitrião

Biblioteca RTP
Clássicos em Banda Desenhada

*Os maiores escritores de sempre,
ilustrados pelos melhores artistas modernos!*

Iniciativa editorial conjunta da
Radiotevisão Portuguesa
e Editorial Publica

volumes publicados:

Alexandre Dumas OS TRÊS MOSQUETEIROS

Lewis Wallace BEN HUR

Alexandre Dumas O MÁSCARA DE FERRO

Anna Sewell O CAVALO PRETO

H. G. Wells A GUERRA DOS MUNDOS

Rudyard Kipling LOBOS DO MAR

Sir Walter Scott IVANHOE

Júlio Verne A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS

Mark Twain AS AVENTURAS DE TOM SAWYER

H. G. Wells O HOMEM INVISÍVEL

Sir Arthur Conan Doyle O CÃO DOS BASKERVILLES

Robert Louis Stevenson A ILHA DO TESOURO

Anthony Hope O PRISIONEIRO DE ZENDA

Júlio Verne 20 000 LÉGUAS SUBMARINAS

Daniel Defoe ROBINSON CRUSOE

Herman Melville MOBY DICK

Charles Dickens OLIVER TWIST

Sir Arthur Conan Doyle SHERLOCK HOLMES

Joseph Conrad LORDE JIM

Stephen Crane SOB A BANDEIRA DA CORAGEM

Jonathan Swift AS VIAGENS DE GULLIVER

a publicar:

Jack London CANINOS BRANCOS